

O artigo seguinte corresponde à citação

Teixeira, José, 2013, "Sinonímia e processos de implicação: algumas relações entre espaço e tempo no Português Europeu" in Актуальные проблемы лузофонии. (Problemas atuais da lusofonia) Serta Lusitânica" –Universidade de S. Petersburgo, pp. 56-77.

**SINONÍMIA E PROCESSOS DE IMPLICAÇÃO:  
ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E TEMPO  
NO PORTUGUÊS EUROPEU**

José Teixeira  
Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Universidade do Minho  
Professor  
Doutor  
jsteixeira@ilch.uminho.pt

**Resumo:<sup>1</sup>**

A perceção do espaço é uma das perceções mais básicas e estruturadoras de múltiplos modelos mentais que posteriormente o ser humano utiliza para dar forma aos modelos e processos com os quais concetualiza e verbaliza as suas interações com o mundo.

Profundamente relacionadas com as perceções sobre o espaço, estão as do tempo, fazendo, as duas, micro sistemas frequentemente intercambiáveis e intermutáveis na referenciação linguística dos aspetos que as envolvem, ou seja, dos aspetos relativos às dimensões espaço-temporais.

Nas línguas naturais, esta estruturação entre o tempo e o espaço é particularmente significativa em relação à forma como se comportam os nossos mecanismos cognitivos de perceção e simultaneamente à forma como as línguas expressam essas perceções. Assim, em primeiro lugar, procurar-se-á analisar como a língua portuguesa relaciona algumas vertentes referenciadoras das interrelações entre o tempo e o espaço através das oposição *atrás-à frente*. Depois, para além da análise da especificidade destas relações no Português Europeu e dados

---

<sup>1</sup> O presente trabalho retoma vários aspetos já abordados em trabalhos anteriormente publicados (Teixeira 2001 e Teixeira 2006). Fazem-se algumas alterações consideradas pertinentes e reequaciona-se a questão de como a equivalência espaço-tempo no Português Europeu fornece pistas para melhor perceber o funcionamento por um lado dos mecanismos de equivalência/ tradutibilidade entre línguas diferentes e por outro de sinonímia dentro da mesma língua.

os mecanismos de sinonímia que a referenciação linguística espaço-temporal implica, procurar-se-ão igualmente indícios que provem como os processos de sinonimização nas línguas são bastante mais complexos do que habitualmente se supõe.

**Palavras-chave:** relação espaço-tempo, Português Europeu, sinonímia, implicação, cognição.

José Teixeira  
The Institute of Arts and Human Sciences  
University of Minho (Portugal)  
Professor  
Doctor of Philology  
jsteixeira@ilch.uminho.pt

**SYNONYMY AND THE IMPLICATION'S PROCESSES:  
ON THE RELATIONSHIP BETWEEN SPACE AND TIME  
IN EUROPEAN PORTUGUESE**

**Abstract**

The perception of space is one of the most fundamental perceptions that humans use to shape models and processes in order to conceptualize and verbalize their interactions with the world. Deeply related to the perceptions about space are the perceptions about time.

In human languages, this relationship between space and time is particularly important because it can show some of the foundational aspects which link perception and language. So, firstly we will analyze how the European Portuguese language conceptualizes time and space referred in the front/back opposition (*frente/trás*). Then, besides the analysis of the specificity of these relations in European Portuguese, our aim is also to prove that the processes of synonymy in human languages are much more complex than is generally believed.

**Keywords:** space-time, European Portuguese, synonym, language and cognition.

**1. Espaço, tempo e línguas naturais**

Dado que cognitivamente a perceção do espaço é mais básica e antecede a do tempo, é uma constatação, nas mais variadas línguas, que o modelo temporal de referência é construído sobre o espacial através de vários mecanismos, como a polissemia, os processos metafóricos e

metonímicos e outros processos de inferência ligados à percepção espaço-tempo. Aceitando este princípio, pensamos ser interessante analisar de que forma e com que meios se consubstancializa no Português Europeu esta interface entre a dimensão espacial e temporal e em que medida os processos semânticos dela dão conta.

Costuma falar-se de metaforização, no sentido abrangente de metáfora concetual<sup>2</sup>, como o processo fundamental da representação do tempo pelo espaço nas línguas. Não basta, porém, referir-se um processo e dar-se o caso por encerrado: denominar um processo não é a mesma coisa que explicá-lo. Tendo de se considerar a abrangência daquilo que se abarca com as palavras "metáfora" e "metaforização", caberá perguntar de que modo é que os modelos mentais do tempo metaforizam os do espaço.

Em primeiro lugar, é preciso questionar como deve ser entendido o facto de que na língua o tempo é *metaforizado* através do espaço<sup>3</sup>. É que o processo metafórico possui prototipicamente características que não se coadunam (ou põe sérios problemas) à representação da temporalidade pelos elementos ligados à espacialidade. Vejamos alguns.

Uma metáfora é classicamente tida como um processo original, não obrigatório, de representar algo metaforizado por um elemento metaforizante. Ora não é isso que se passa na relação espaço/tempo: o primeiro representa universalmente o segundo, para cada falante, para a totalidade da sua língua e (presumivelmente) para todas as línguas do mundo. Linguística e cognitivamente, parece não ser possível representar o tempo fora das estruturas linguísticas e cognitivas que modelizam o espaço. O falante e as línguas não parecem ter liberdade para a nível de referenciação separarem completamente um do outro<sup>4</sup>.

Numa metáfora, entre o metaforizador (Fonte) e o metaforizado (Alvo) há dualidade de modelos mentais, sendo o processo metafórico a construção de um terceiro modelo-síntese que liga os dois primitivos. O processo de metaforização identifica os dois modelos que, sendo existencialmente incompatíveis, obrigam os nossos mecanismos cognitivos e perceptivos a construírem um modelo-síntese, que não é a mera soma nem sequer o subconjunto de traços comuns.

Diferentemente, na relação espaço/tempo não há anulação e posterior síntese entre modelos mentais, mas sim a correspondência implicativa, universalmente obrigatória, entre uma vertente primeira, visual (o espaço) e outra (o tempo) que embora adquirida por cognição

---

<sup>2</sup> Lakoff e Johnson, 1980.

<sup>3</sup> Antes de tudo, convém ter em conta as interrelações existentes entre os aspetos de percepção e construção concetual e as vertentes cognitivas ligados ao movimento (ver Gallese & Lakoff, 2005 "The Brain's Concepts: The role of the sensory-motor system in conceptual knowledge").

<sup>4</sup> E isto, sem termos em consideração aspetos exteriores à Linguística, como seja o facto de a Física tender a considerar cada vez mais como facetas da mesma realidade o espaço e o tempo.

posterior é construída em cima da primeira. Isto significa que a construção dos modelos espaciais pelo ser humano não se verifica de uma só vez, sendo antes progressivamente rearranjados, entrando a vertente temporal pouco a pouco nesses mesmos modelos, complementando-os com as equivalências que a cognição e a língua estabelecem.<sup>5</sup>

Esta modelização é verificável ontogeneticamente no processo que pouco a pouco leva a criança a adequar a vertente temporal à espacial e filogeneticamente na medida em que se acredita que a percepção espacial é muito mais marcada do que a temporal entre os animais.

Por outro lado, o normal processo de referencialização da metáfora é *assistemático* e *plurivalencial*: não refere nem retrata todos os aspetos do metaforizado, e os que retrata podem ser diferentemente valorizados pelo descodificador. A tradição da análise literária vai neste sentido: não há *uma* interpretação da metáfora, que é vista como dotada de potencialidades significativas *a priori* indefinidas. Ao inverso, a relação linguística espaço/ (metaforizador do) tempo é *sistemática* e *univalencial*: é codificada pelo sistema linguístico sendo sempre a mesma para todos os falantes (por isso é que é possível analisá-la linguisticamente em relação ao sistema) e possui um número limitado de correspondências semânticas, codificado e partilhado pelos falantes da língua.

O que justifica dizer-se que o espaço serve para metaforizar o tempo é o facto de ser sempre através daquele que as línguas representam este último.

A rapidez com que é feita a equivalência espaço-tempo nas línguas prejudica, no entanto, a especificidade de cada âmbito. A referencialização (íamos dizer *localização*) temporal não pode ser simplesmente traduzida pela espacial, porque cognitivamente o espaço e o tempo não possuem dimensionalidades idênticas. Este é sempre perspectivado entre um passado e um futuro, relativamente a um ponto de referência. É sempre *univetorial*: representado por *um* vetor que vai *do* passado *para* o futuro. O vetor pode ser imaginado como infinito, decorrendo da esquerda para a direita (como acontece na nossa cultura, dita ocidental), da direita para a esquerda, de cima para baixo ou de baixo para cima, ou também como tempo de infinitos retornos, para quem o vê como cíclico (certas tradições orientais). É sempre um vetor, uma direção entre dois pontos/ momentos nos quais ele, tempo, se inscreve.

Ou seja: o próprio tempo contém em si o(s) ponto(s) de referência, o passado e o futuro, independentemente da forma como globalmente o mesmo tempo é concetualizado.

---

<sup>5</sup> Vyvyan Evans 2005.

No espaço, diferentemente, a referência é *multivetorial* e *multirreferencial*: há vários vetores relativamente aos quais um elemento pode ser localizado (verticalidade, frontalidade, lateralidade, interioridade) e pontos de referência ilimitados:

1) *O dicionário está à frente do professor, em cima da secretária, por cima do livro de Física, por baixo do de Matemática, ao lado do candeeiro, dentro da sala de aulas, ...*

Ora a ser assim, se a estrutura organizacional do espaço é bastante diferente da do tempo, segue-se necessariamente que o tempo, na sua globalidade, não pode ser representado pela globalidade do espaço, mas antes, apenas, *por um vetor do espaço*: o vetor da frontalidade. E mesmo chegados aqui, não podemos generalizar dizendo que a frontalidade representa o tempo. Este é antes representado por um submodelo da frontalidade, perspectivada dinamicamente.

Isto explica a razão pela qual não pode haver uma correspondência total entre os valores espaciais de um marcador e os seus valores temporais e também por que é que, por vezes, o mesmo marcador espacial pode corresponder a marcadores temporais opostos, como se verá a seguir. E então, porque espaço e tempo, embora relacionados para os nossos mecanismos linguístico-cognitivos, são perspectivados de forma diferente, é que a língua possui marcadores para cada um dos domínios. Embora frequentemente ambivalentes para as duas referidas dimensões, há marcadores prioritariamente espaciais e outros prioritariamente temporais. A existência destes últimos e a sua não redução aos espaciais prova como, linguisticamente, o tempo não é um puro espelhamento do espaço numa dimensionalidade diferente.

## **2. O que dizem os dicionários do Português sobre equivalências entre tempo e espaço**

A oposição *frente/trás* é a oposição prioritária, em Português, para a representação das relações entre a vertente espacial e a temporal, já que ela contrapõe os dois sentidos espacialmente opostos que melhor podem referir a temporalidade. Em princípio, entende-se que cada um destes vetores espaciais representa um vetor temporal, indicando *atrás* o *lugar anterior*, *antes* ou *anterioridade* e *frente* equivalendo a *lugar posterior*, *depois* ou *posteridade* (Figura 1).

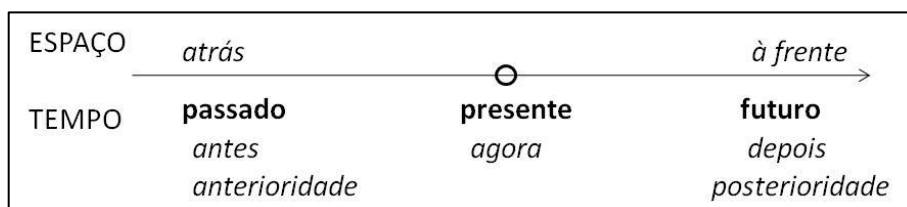


Figura 1

Mas, talvez surpreendentemente (?), não é o que os dicionários nos dizem.

Uma rápida passagem por alguns dos mais significativos leva-nos a concluir que são dados como sinónimos de *atrás*, para além da anterioridade (o *antes*, *lugar anterior*), também *lugar posterior*, *posterioridade*, *depois*,. Ou seja, numa perspetiva lógica, se *atrás* corresponde a *antes* e a mesma palavra *atrás* corresponde a *depois*, então *antes/ depois* parecem valer a mesma coisa ou quase (sinónimos), apesar de intuitivamente serem vistos como antónimos!

Comprove-se: a *posteridade de lugar* é a primeira (!) aceção que aparece no dicionário de Roquette (1863), sendo todo o resto da entrada orientado nesta perspetiva:

Atraz ou Atrás, *adv.* no lugar posterior, áquem (d'algum objeto); (*fig.*) menos; no tempo passado; após, em seguimento.

O mesmo acontece no dicionário Porto Editora (Costa, J. e Melo, A., s/data, 7ª ed.):

**atrás**, *adv.* detrás; no lado posterior; em lugar já ultrapassado; em tempo já passado; em posição inferior à de outrem; — **de**: *loc. prep.* na parte posterior de: depois de; em seguida a; em perseguição de. (Do lat. *ad trans*, «para lá; além»).

Igualmente, no de Augusto Moreno (1961), a *posteridade* preside e subjaz a toda a entrada:

**Atrás** (L. *ad+trans*), *adv.* Detrás; na parte posterior; após; anteriormente; em posição pior que a de outrem. — *de*: depois de, em seguida a;

No *Caldas Aulete* (Garcia, 1986) é igualmente o primeiro significado apresentado, quer para *atrás*, quer para *atrás de*:

**ATRÁS**, *adv.* no lugar posterior, detrás; no lugar precedente: *Atrás*, mas longe, uma vistosa quadrilha de monteiros... passou rindo e folgando. (R. da Silva.) [...] || *Atrás de* (*loc. prep.*), no lugar ou lado posterior de, depois de; após de; em seguimento de: (*atrás de* mim virá quem bom me fará. || *Atrás de* tempo tempo vem. (Provérbios.) || Quando soube que... poucos dias se demorariam *atrás da* família. (R. da Silva.)

Também no dicionário Lello (s/autor, 1996) a *posteridade* é prioritária para *atrás* e única para *atrás de*:

**ATRÁS**, *adv.* (lat. *ad trans*). Detrás, após: *Vá na frente, eu irei atrás.* || [...] — **Atrás de**, *loc. prep.* No lugar posterior, detrás de: *Escondeu-se atrás da multidão.*

E no Dicionário Aurélio (Ferreira, 2ª ed.) para o significado de *atrás*, aparece a *posteridade* em primeiro lugar. *Depois* e *após* só aparecem no segundo grupo e no final, no terceiro grupo, a *anterioridade*. E em *atrás de* a posteridade é a única vertente presente nas três aceções apresentadas:

**atrás**. [Das prep. *a + trás.*] *Adv.* **1.** Na parte posterior; na retaguarda, detrás: *A mulher vinha na frente e ele atrás.* **2.** Depois, após: *Chegaram todos, porém ele deixou para vir atrás.* **3.** Antes, anteriormente, em expressões relativas a tempo anterior, ou época passada (dia, semana, mês, ano, etc.): *Estive com ele dias atrás; Meses atrás, disse-me que pretendia escrever um livro.* • **Atrás de**. **1.** Do lado ou lugar posterior a: *A fazenda fica atrás da montanha.* **2.** Em seguimento a; depois de (no espaço): *Caminhou todo o tempo atrás de mim.* **3.** Imediatamente depois de; em seguida a (no tempo): "fumando cigarro atrás de cigarro" (Fernanda Botelho, *Lourenço É Nome de Jogral*, p. 12).

No *Dicionário do Português Básico* (Vilela 1991), embora não sendo uma aceção prioritária, também tem um papel reforçado:

**atrás** [...] *adv.*, *prep.*

[...]

II. [*prep.*]: —(1) *Fui atrás dele durante meia hora.* • (2) — *A Joana estava sentada na fila atrás de ti.* • (3) *O miúdo comeu bolos uns atrás dos outros.* • (4) — *O teu clube ficou atrás do meu no campeonato.*

[...]

**S. 2.** No sentido II, *atrás de* (frase 1) quer dizer DEPOIS DE (no espaço), NO ENCALÇO DE (ling. cuidada). *Atrás de* (frase 2) indica o LUGAR A SEGUIR, NA RETAGUARDA, DETRÁS. Na frase 3, significa IMEDIATAMENTE, DEPOIS DE.

No dicionário de Frei Domingos Vieira (1871), anterioridade e posterioridade aparecem misturadas:

**ATRAZ**, *adv.* No lugar precedente, rétro, posteriormente, antecedentemente; passado; apoz, em seguimento.

No dicionário da Academia (vol.1, 1976) esta aceção aparece somente em 5º lugar em *atrás* e em segundo e terceiro em *atrás de*:

**atrás** I. *Adv.*—[...] 5. Após, a seguir (falando de pessoas ou coisas que se deslocam): «Ao redor, *atrás* e adiante iam numerosas turbas» (M. BERNARDES, *Floresta*, I, p. 133), «a

'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' *atrás*» (AQUILINO, *Via Sinuosa*, p. 88), «O corredor que ia *atrás* já alcançou os da frente».

II. **Atrás de** (*loc. prep.*).—2. A seguir; no encalço de: «Voo, qual dardo, *atrás* da ninfa bela e esquivada» (E. DE CASTRO, *Obras*, IV, p. 25); *metaf.*: «arrastando-se de joelhos *atrás* da realeza» (L. COELHO, *República*, p. 218). *Fig.* **Ficar atrás de** [alguém]: ser suplantado, ultrapassado por [alguém]. *Fig.* **Andar atrás de** [alguém]: perseguir, importunar [alguém] com pedidos, etc.—3. Depois de, a seguir a (no tempo): «*Atrás de* mim virá quem bom me fará.»

Em José Pedro Machado (1981), aparece também, embora sendo quase a última aceção e encaixada entre aceções ligadas à anterioridade:

**Atrás**, *adv* (de *trás*). Do lado oposto ao da frente. || Antecedentemente. || À retaguarda || Em plano inferior, aquém, menor. || Em esquecimento, sem referência *ou* celebração. || No passado. || Após, em seguimento. || A lugar ou a tempo anterior.

No Morais (1949-59, 10ª ed., 12 vols.), a entrada *trás*, abundantemente exemplificada e com as preposições *de*, *por* e *para*, é totalmente preenchida pela aceção de posterioridade:

**Trás**<sup>1</sup>, *prep.* e *adv.* Após; depois de; em seguida; atrás de: «...fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um *trás* outro», Duarte Barbosa, *O Livro*, I55, ed. de 1946; «... foi (Salomão) por lúxuria e amores de gentias *trás* os deuses dos Sidónios...», Samuel Usque, *Tribulações*, I, 27; «...Trás os cristãos se lança furiosa | Que já perto da boca vão da cava», Francisco de Andrade, *Primeiro Cerco de Dio*, XVII, 77. || Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para* forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: «O seu cabelo *por trás*, repuxado para o alto da cabeça ...» Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. I, 14; «*Para trás*, *para trás*, sempre *para trás*, ia a turba reatransitando os pátios, tropeçando nos servos que matara...», Id., *Últimas Páginas*, 173; «O Sol espreitava *por trás* da cumieira das serras ...», José Augusto Vieira, *Fototipias do Minho*, 57; «A igreja, um largozinho e, logo *por trás* do povoado, o monte severo...», Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*, 36; «Mas o hortaliçeiro dá *para trás* um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caiados de branco», Ramalho Ortigão, *A Holanda*, cap. 2, 47; «... e a primeira praça de Portugal perdida, voltaram *para trás* à pressa», Rebelo da Silva, *História de Portugal*, II, cap. 5, 390; «... o ichacorvos espantou os olhos, deu dois passos *para trás*, persignou-se atrapalhadamente e caiu por fim de joelhos», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, cap. 19, 381; «... com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas *para trás* ... », Aloísio de Azevedo, *O Mulato*, cap. 3, 52; «...quando os dias com o sol *por trás* da bambinela da bruma, leve e vaporosa cassa», Aquilino Ribeiro, *Por Obra e Graça*, 34;



«...surtem *por trás* dos planos, as agulhas, os topos, as montanhas», Augusto Casimiro, *Portugal Crioulo*, 69.

Em *atrás*, a aceção de posteridade também aparece, mas mais diluída: encontra-se apenas em lugar médio, imediatamente antes da aceção de anterioridade:

**Atrás**, *adv.* (de *a* + *trás*). [...] || Após, em seguimento: «na procissão, o andor de Cristo rompia à frente e o de sua Mãe vinha logo *atrás*». || A lugar ou a tempo anterior: «voltemos agora *atrás* e retomemos o fio».

Desta consulta feita aos dicionários apresentados, podem ser, resumidamente, constatadas duas coisas que, à primeira vista, causam estranheza:

1) Para a entrada *trás/atrás*, a aceção de posterioridade ou é prioritária ou aparece destacada;

2) Aparece igualmente para a mesma entrada, como sinónima, a aceção oposta à anterior, a de anterioridade.

### 3. Haverá um divórcio entre a língua do dicionário e a língua dos falantes?

Intuitivamente, parece mais natural não acreditar nos dicionários e fazer equivaler *atrás* a *antes* (anterioridade). E para se comprovar esta intuição linguística, distribuiu-se um pequeno inquérito aos alunos de duas turmas de um curso universitário onde se pedia para indicarem do par "atrás" "à frente" qual das expressões era equivalente a "após", "a seguir", "antes", "depois", "no lugar anterior" e "no lugar posterior". A intenção era, obviamente, tentar verificar qual a associação prioritária que cognitivamente se faz com cada um dos termos do par *atrás/ à frente*: se a anterioridade (*antes, no lugar anterior*) ou a posteridade (*após, a seguir, depois, no lugar posterior*).

Os resultados confirmaram a intuição de que *atrás* se relaciona prioritariamente com *antes* (Figura 2 e Figura 3).

	"atrás"	"à frente"
1- "Após" é sinónimo de	7	61
2- "Antes" é sinónimo de	63	5
3- "A seguir" é sinónimo de	3	65
4- "Depois" é sinónimo de	4	64
5- "No lugar anterior" é sinónimo de	66	2
6- "No lugar posterior" é sinónimo de	2	66

Figura 2

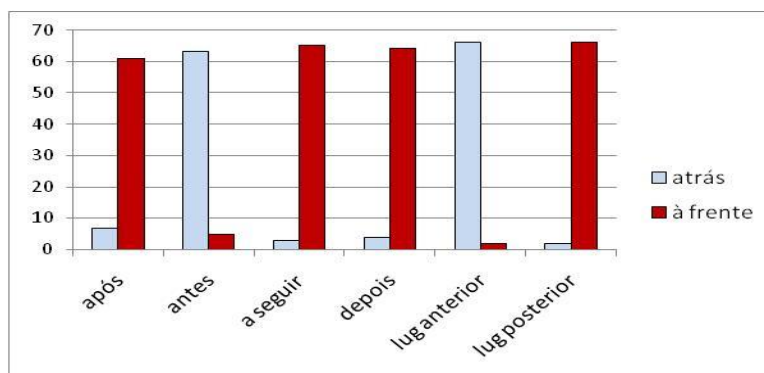


Figura 3

Como se vê, não há margem para dúvidas: para os falantes, as equivalências julgadas mais pertinentes são exatamente as opostas às que os dicionários prioritariamente apresentam.

#### 4. Uma palavra pode significar também o seu antónimo...

No entanto, se os inquiridos revelam que a intuição linguística dos falantes parece discordar em alto grau da descrição lexicográfica, os mesmos inquiridos confirmam outro aspeto, favorável aos dicionários: é possível entender *atrás* como equivalendo a *antes* e ao significado inverso, *depois*.

E então, pode perguntar-se: como é possível que o significado de *(a)trás* assente (se é que assenta!) em duas aceções perfeitamente antónimas?

Uma primeira tentativa de resposta, dá-a o *Diccionario dos Synonymos Poetico e de Epithetos da Lingua Portuguesa* (ROQUETTE, J. e FONSECA, J., 1863). Fazendo de *após* e *depois* sinónimos de *atrás*, esclarece:

##### **Atráz, após, depois.**

Atráz indica a posteridade de lugar d'uma pessoa ou cousa respetivamente a outra, tanto no estado de quietação como no de movimento.— *Após* tem o mesmo valor mas só no estado de movimento.— *Depois* exprime a posteridade de tempo. Mas como entre as idéas de tempo e de lugar ha alguns pontos de contacto, toma-se o termo *depois* em alguns casos com a significação de *após* ou *atráz*.

É evidente que são os "pontos de contacto" que *atrás* mantém com o espaço e o tempo que levam a que este marcador espacial possa adquirir cambiantes que, se confundidas, se podem apresentar como contraditórias. Mas não é apenas isso.

Como noutro sítio demoradamente procuramos demonstrar<sup>6</sup>, defendemos que a noção (espacial) de *frente/trás* no Português Europeu não é unimodelar, mas assenta basicamente em cinco modelos diversos. Quatro que podem ser designados *estáticos*, já que perspetivam a oposição *frente/trás* apenas espacialmente, e um, que apelidamos *dinâmico*, porque insere o movimento, fazendo, por isso, intervir também a perspetiva temporal. Ora é precisamente a dualidade de perspetivas estáticas *versus* a dinâmica que possibilita modelos de referência contraditórios, permitindo, nomeadamente, quer a *anterioridade* de lugar/ tempo, quer a inversa *posterioridade* para as expressões com *trás*.

Vamos examinar alguns exemplos apresentados pelos dicionários.

No Dicionário Aurélio, como já vimos, a primeira aceção de *atrás* é "na parte posterior" (o exemplo era "A mulher vinha na frente e ele atrás.").

Nesta perspetiva, cada ponto mais próximo de  $L_i$  (Local inicial do movimento) onde o homem está é sempre *atrás*, *antes* e um *lugar anterior* relativamente ao ponto seguinte. Aqui, portanto, *atrás* é sempre sinónimo de *antes*, *anterioridade*, *lugar anterior* ao lugar onde a mulher já está ( $L_j$ ).

Só que numa situação que implica movimento, como esta, o modelo mental que o falante constrói, para a referir, utiliza coordenadas espaço-temporais não apenas relativas ao início do movimento ( $L_i/T_i$ ) mas também ao ponto terminal desse movimento ( $L_j/T_j$ ). E para estas, *lugar atrás* implica *tempo depois*. Quem está, no espaço, *atrás* do  $L_j$ , só o atingirá, no tempo, *depois*, posteriormente (Figura 4).

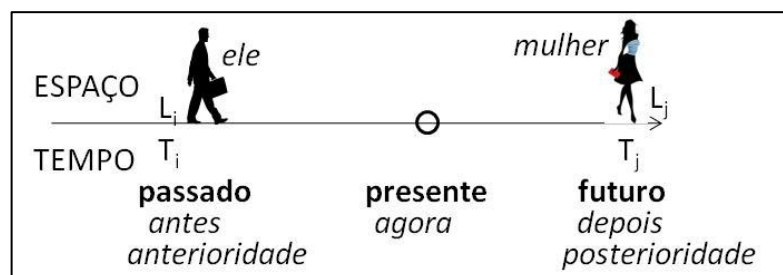


Figura 4

<sup>6</sup> Teixeira 2001:322-354

Ou seja: quando ele atinge qualquer ponto do espaço do movimento, continua (nesse espaço) *atrás* da mulher; mas ao atingir esse mesmo ponto já atingido pela mulher, está *à frente* no tempo relativamente ao qual esse ponto tinha sido alcançado pela mesma mulher. E isto porque, na realidade, ele chega sempre num tempo *posterior*: por exemplo se a mulher chegar às 9 horas e um minuto e ele chegar às 9 horas e 15 minutos, dizemos que a mulher chegou *antes* dele e *à frente* dele, fazendo, assim, equivaler *antes* com *à frente*. Isto quer dizer que desde que haja movimento, estar *atrás no espaço* implica chegar *à frente*, chegar *depois*, *no tempo* (9h 15m é *à frente* de 9h 1m) (Figura 5).

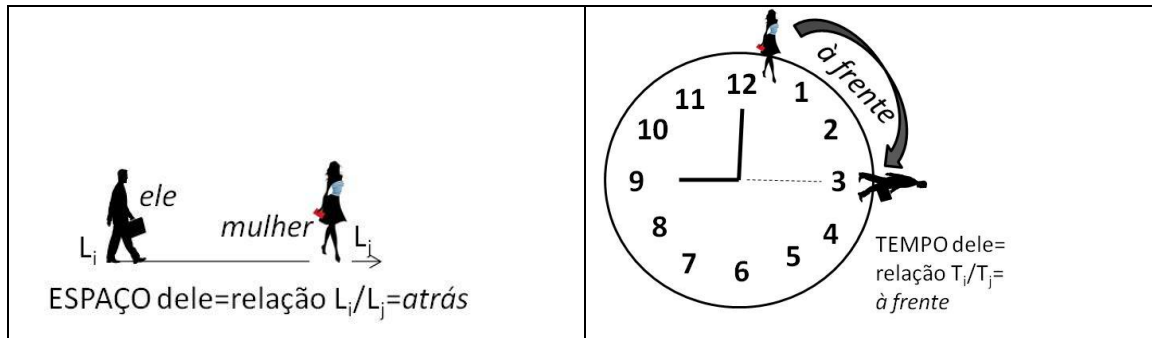


Figura 5

Pode-se, assim, equacionar esta relação de implicação entre espaço e tempo no movimento do modo como aparece na Figura 6.

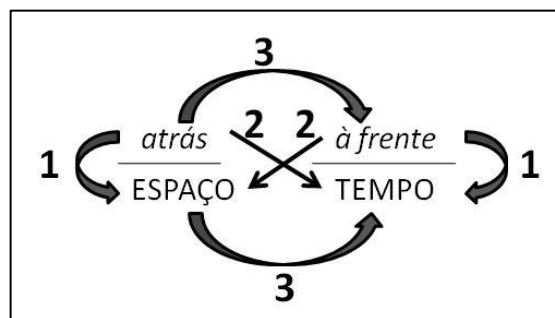


Figura 6

Na verdade,

1-*atrás*, no espaço, corresponde a *à frente* no tempo; (se ele está *atrás* —no espaço— relativamente a  $L_j$ , quando chegar a  $L_j$  o tempo será posterior, o relógio terá andado *para a frente*.)

2-*atrás*, no tempo, corresponde a *à frente* no espaço; (Se ela chegar a  $L_j$  *atrás* no tempo — 9.01 horas é *atrás* das 9.15 horas— implica que esteja *à frente* no espaço.)

3-*atrás* identifica-se com *à frente* quando se faz a *implicação* do espaço com o tempo.

É portanto uma equação perfeita de correspondência entre todos os termos. E é ela que explica a razão pela qual os dicionários atribuem tão prioritariamente a *atrás* a *posteridade* e o *depois*. Só que se mistura tempo e espaço. Por isso, identifica-se *atrás* com *lugar posterior*, o que numa dimensão lógica será incorreto. Para um mesmo elemento numa mesma situação, *atrás* é sempre *lugar anterior*, *antes*, desde que não se saia de um único modelo espacial. O *estar atrás* acarreta necessariamente uma chegada posterior no *tempo*, mas já num outro modelo Espaço/Tempo. Ora isto, pensamos, não é igual a dizer que *atrás* é a mesma coisa que *lugar posterior*.

### 5. Por que é que nos dicionários *atrás* é igual ao seu antónimo (*à frente*)?

Mas o que é um facto é que tal identificação é feita pelos dicionários. E será que o falante confunde também as relações espaço-tempo ao utilizar as equivalências que a equação do movimento representa?

À primeira vista parece que sim. O exemplo de há pouco ("A mulher vinha na frente e ele *atrás*.") seria perfeitamente aceite como equivalente a

2) A mulher vinha na frente e ele *depois/posteriormente/em lugar posterior*.

Outros exemplos como

3) Eu cheguei às 10 horas, e o Pedro chegou logo *atrás*.

parecem confirmar isso mesmo. Na realidade esta última frase é interpretada como "o Pedro chegou pouco *depois* das 10 horas"; parece, portanto, que *atrás* significa *depois*.

Como é evidente, cruzam-se aqui as dimensionalidades temporais e espaciais. De outra forma não se compreendia que "depois das 10 horas" fosse um tempo "atrás" relativamente às 10 horas: "depois das 10 horas" é um tempo concebido sempre como "depois, à frente das 10 horas" e nunca *atrás*. O que a frase representa é "o Pedro *vinha atrás* de mim (no espaço) e por isso *chegou depois* (no tempo)". É a "mistura" das duas dimensionalidades que possibilita que se diga "chegou *atrás*" em vez de "vinha *atrás* e chegou *depois*, à frente no tempo". Aliás, por isso mesmo é que a mesma frase pode até ser interpretada da mesma forma substituindo *atrás* por *à frente* e reforçando os elementos que levam a interpretar *à frente* como marcador temporal ("eu cheguei primeiro; o Pedro chegou depois"):

4) Eu cheguei às 10 horas, e o Pedro chegou logo *atrás*.

5) Eu cheguei primeiro, às 10 horas, e o Pedro chegou logo *à frente*.

Se isto não permite dizer que *atrás* e *à frente* são sinónimos, também não permite concluir que o falante os confunde ou que confunde a dimensionalidade temporal e espacial. Em vez de "confusão" pensamos que será mais adequado falar de "conversão": quando se trata de movimento, o falante converte automaticamente a dimensionalidade espacial em temporal e vice-versa. Pode utilizar uma ou outra sem ter a preocupação de dizer a que dimensionalidade se está a referir, já que sabe que o ALOC(utário) partilha dos seus mecanismos linguístico-cognitivos e é capaz de descodificar o que ele, LOC(utor), pretende. Daí que, na mesma frase, possa utilizar um configurador espacial e um temporal. Quando o mesmo localizador pode ter as duas vertentes —o que acontece frequentemente— se houvesse a possibilidade de o utilizar uma vez como configurador espacial e outra vez como temporal, isso causaria, certamente, confusão. Assim, embora muitos marcadores espaciais também sejam temporais (e vice-versa), há uns que são prioritariamente (prototipicamente) espaciais e outros temporais, de tal modo que quer o LOC quer o ALOC sabem que, na ausência de indicação contrária, é assim que eles devem ser descodificados.

Para a situação representada na Figura 7, podem-se utilizar marcadores espaciais, temporais ou até misturá-los:

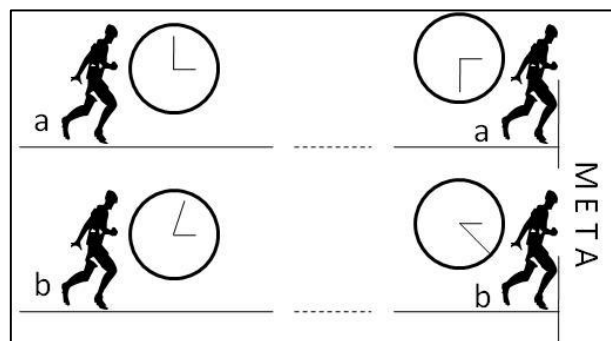


Figura 7

- 6) O atleta {a} partiu à frente, mas chegou atrás de {b}.
- 7) O atleta {a} partiu à frente, mas chegou depois de {b}.
- 8) O atleta {a} partiu antes, mas chegou atrás de {b}.
- 9) O atleta {a} partiu antes, mas chegou depois de {b}.
- 10) \*O atleta {a} partiu atrás, mas chegou à frente de {b}.

Assim, na frase 6) os dois marcadores são espaciais; em 7) o primeiro é espacial e o segundo temporal; em 8) o primeiro é temporal e o segundo espacial e em 9) os dois são temporais. E 10)? Por que é que não é aceitável (para esta situação)? Porque utiliza marcadores que são prototipicamente espaciais. Para poderem ser interpretados

temporalmente (mas com mais dificuldade, visto ser uma situação inusual) terão que ser inseridos com outros vocábulos que obriguem a essa interpretação, como, por exemplo

10) ??O atleta {a} partiu temporalmente atrás, mas chegou à frente, também no tempo.

Desde já, por conseguinte, algumas conclusões:

-Há marcadores prioritária e prototipicamente espaciais e marcadores prioritária e prototipicamente temporais;

-Cada marcador é interpretado, salvo indícios em contrário, na sua vertente prototípica (espacial ou temporal);

-Cada frase (modelo mental) pode incluir marcadores dos dois tipos;

-É a convertibilidade automática das relações espaço-tempo, no movimento, que possibilita a presença simultânea de marcadores dos dois tipos.

Começa a compreender-se, assim, o porquê de os dicionários identificarem prioritariamente *atrás* com *posteridade*, *depois*, *em seguida*, *após*: estão a identificar um marcador espacial com marcadores temporais. Em bom rigor, nem esta identificação é correta, já que não se deveria dizer que *atrás* significa ou equivale a *depois*, mas que um *atrás* no espaço *implica* um *depois* no tempo. Entre estes dois grupos de palavras (marcadores espaciais da frontalidade *atrás/frente*, por um lado, e marcadores temporais de anterioridade/posteridade) não existe *sinonímia*, pelo menos no sentido tradicional do termo, mas *implicação*. No entanto, como os falantes fazem a equivalência entre o modelo temporal e o espacial, será forçoso concluir que, pelo menos tratando-se deste tipo de relações entre espaço e tempo, os elementos que se *implicam* são entendidos como equivalentes.

## 6. Quando é que *atrás* é sinónimo de *em baixo*?

Os marcadores da frontalidade *atrás/à frente* podem ainda entrar em configurações espaço-temporais em que são tidos como equivalentes aos marcadores *em cima-em baixo*: *atrás* fica equivalente a *acima* e por sua vez *à frente* equivalente a *(em)/(a)baixo*.

Poderá, à primeira vista, parecer estranho como é possível fazer equivaler marcadores estruturalmente diferenciadores de configurações espaciais pertencentes ao mesmo subgrupo. Por princípio nunca podem ser equivalentes nas habituais situações de referencialidade espacial. A frase

11) O livro amarelo está à frente do livro preto.  
não é equivalente a

12) O livro amarelo está abaixo do livro preto.

Na verdade o que acontece quando *atrás/à frente* equivalem a *acima/abaixo* não são equivalências entre dois eixos espaciais (*atrás/à frente* espacial equivalente a *em cima/em baixo* espacial), mas uma equivalência tripla: entre um espacial e um temporal (*atrás/à frente* espacial equivalente a *antes/depois* temporal) e posteriormente entre este eixo temporal (*antes/depois*) e um outro espacial (*em cima/em baixo*) (Figura 8).

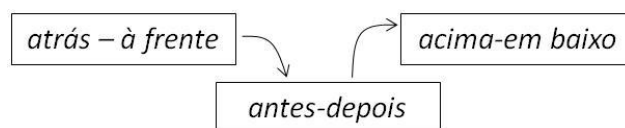


Figura 8

Isto pode verificar-se nas configurações relativas à referenciação do processo de escrita, ou seja, na forma como o Português Europeu indica a linearidade do texto.

A linearidade gráfica do Português, ao contrário do Francês, Espanhol, Inglês, Catalão, Polaco e muitas outras línguas, encara o processo de escrita como um processo temporal, e não como um resultado. Assim, se pedirmos a um português para pôr um "S" *à frente* da palavra ARA ele escreverá ARAS, mas se pedirmos a um inglês (mas pode ser espanhol, francês, alemão, etc...) para pôr o "S" *in front of* ARA ele escreverá SARA.

Na realidade, a escrita pode ser perspectivada enquanto processo dinâmico (que ocorre entre um espaço/tempo - *antes* e um espaço/tempo - *depois*) ou enquanto objeto resultado desse processo (um livro, por exemplo). Se o livro for concetualizado como um objeto feito, estático, e não se tiver em atenção a escrita, a *frente* é a parte junto às primeiras páginas, e a parte de *trás* é constituída pelas últimas páginas, terminando na capa mais à direita (com o livro na posição de ser lido). O "rosto" do livro é a capa onde está o título, e as páginas a seguir são as páginas consideradas "da frente" (Figura 9).

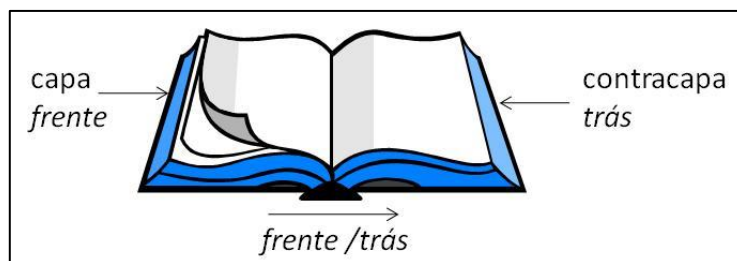


Figura 9

É por esta perspetiva que em Português usualmente se interpretam frases como as seguintes:

- 13) Fotocopia o livro de trás para a frente (=da página 1 até ao fim).
- 14) As primeiras folhas a descolarem foram as da frente (=as primeiras páginas).



No entanto, o livro considerado como um objeto composto pela linearidade da escrita já é visto, relativamente à espacialidade *frente/trás*, na perspectiva oposta: as primeiras páginas são as de *trás*, e as de numeração mais alta as da *frente*. É evidente que se utiliza um modelo mental para configurar as relações *frente/trás* diferente do que se utiliza para o livro enquanto objeto. E esse modelo é, naturalmente, o modelo do movimento, suportado pela linearidade espaço-temporal da escrita. Veja-se como é o inverso do anterior (Figura 10).

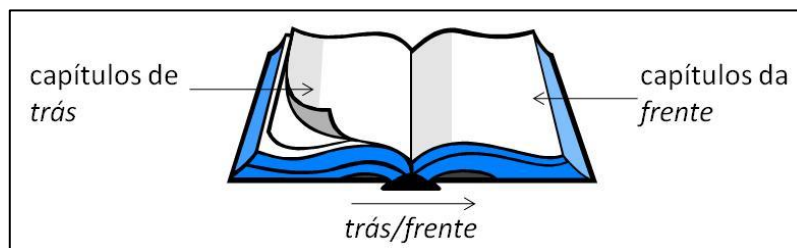


Figura 10

A relação da progressão é, agora, inversa da anterior. E é esta conceitualização que enforma frases como

- 15) Já analisei isso atrás, mas bastante mais à frente, quase no fim, voltarei ao assunto.
- 16) Os primeiros capítulos são monótonos! Os da frente são mais interessantes.

## 7. A especificidade do Português

Se um livro (jornal, revista) pode ser inserido nestes dois modelos, uma palavra também o pode ser. O Português (pelo menos o PE) no entanto, como atrás referimos, apenas admite um: a palavra é sempre inserida na perspectiva dinâmica do modelo do movimento:

«Ao contrário do que acontece no caso do falante do P(ortuguês) E(uropeu), um francês, um espanhol, um inglês, um alemão ou um polaco atribui a parte *frente* da palavra ao seu lado esquerdo, e conseqüentemente, a parte *trás* ao seu lado direito, fazendo coincidir, por um lado *antes*, *à esquerda* e *à frente* e, por outro, *depois à direita* e *atrás*. O modelo adotado já não é, aqui, temporal e dinâmico, como no caso do PE, mas, pelo contrário, estático e espacial.

Consideramos, assim, que para o falante não-nativo do PE, o texto não está em curso para além do processo pontual da escrita; uma vez terminado, funciona como um produto concluído que deixa de ter características dinâmicas e funciona, apenas, como um corpo estático. Por conseguinte, a sua 'frente' (ou 'cabeça') não está virada no mesmo sentido em que prosseguia a 'deslocação' do texto, já que, segundo esta 'lógica', a 'deslocação' já deixou de

existir. O texto, sendo um produto acabado, tende a adquirir a 'cabeça' (ou a 'frente') no lugar em que a própria escrita se iniciou cronologicamente, isto é, na primeira letra da palavra, relacionando, assim, a *frente* com a anterioridade.» (Batoréo 1994:52-53)

Esta diferenciação parece provar que destes dois modelos mentais, o do Português Europeu privilegia o dinamismo e o movimento. Mesmo quando o texto é um produto acabado, ele mantém esta mesma faceta, ao contrário do que acontece no modelo mental oposto<sup>7</sup>.

Esta especificidade gera, frequentemente, entre falantes do Português e falantes de outras línguas, confusões que dificilmente os intervenientes superam. Por exemplo, numa conferência, na minha universidade, dada em português por um professor alemão, assisti uma série de mal-entendidos. Quando o conferencista referia determinado termo como “o que está à frente do verbo”, ele entendia uma coisa, os ouvintes, outra. Só quando indiquei que em Português “à frente” de uma palavra significa “à direita” dessa mesma palavra é que a confusão foi esclarecida.

Nas informações, em Catalão, das normas para apresentação das comunicações escritas num congresso, diz-se o seguinte:

«La crida de la nota de peu de pàgina anirà darrere el signe de puntuació rellevant (punt, coma, punt i coma, parèntesi, interrogant o exclamació).»

E isto é ilustrado com o exemplo

«de la següent manera '(Baker 1985: 384)'.»<sup>1</sup>

Como se verifica, em Catalão o que é *atrás* (*darrere*) da pontuação, em Português é à *frente*.

É, portanto, bem fácil de constatar que a linha da escrita em PE é referida entre um *atrás* equivalente a *à esquerda* e *à frente* equivalendo a *à direita* (Figura 11).

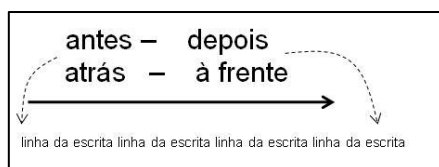


Figura 11

<sup>7</sup> Vejam-se dois exemplos explícitos sobre as diferenças destes dois modelos que Batoréo (1994) indica: "Dans les ouvrages philologiques l'astérisque placé devant un mot indique qu'il s'agit d'une forme supposée: Accueillir. Lat. po. \*accoligere" (Maurice Grevisse, *Le Bon Usage. Grammaire Française avec des Remarque sur la Langue Française d'Aujourd'hui*, 11ème ed., 1980, p. 1425.)

"If you write something in front of a particular word, you write it to the left of that word". (*English Language Collins Cobuild Dictionary*, 1987, entrada FRONT.)

No entanto, numa página completa, não há só uma linha esquerda-direita, mas também um espaço cima-baixo. E também aqui o PE continua a preferir o modelo temporal ao espacial. Ou seja, a página é vista preferencialmente como um texto que vai entre um *antes* e um *depois* e não como uma superfície entre um *em cima* e um *em baixo*. E como a escrita do Português é sempre perspetivada temporalmente, então *antes-depois* que na linha correspondia a *atrás-à frente* passa também a valer para a dimensão vertical da página para o vetor *em cima-em baixo* (Figura 12).

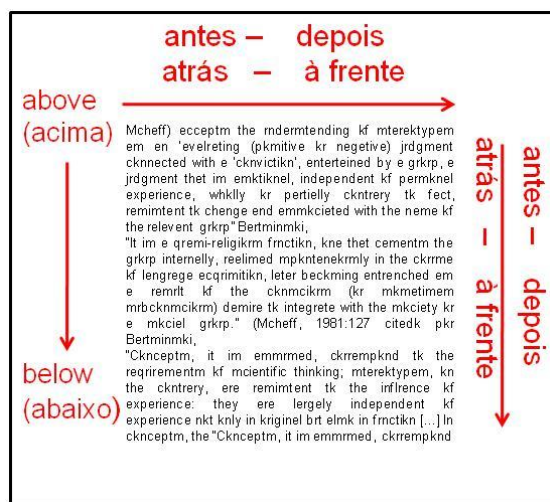


Figura 12

O Inglês, por exemplo, prefere nitidamente a referencialidade espacial vertical (*above/below*), o que está de acordo com o facto de encarar a escrita como resultado estático e não como processo dinâmico. Por isso, é possível em Inglês escrever "discussed below"<sup>8</sup> ("discutido mais abaixo") como últimas palavras da última linha de uma página, querendo significar "discutido mais à frente"; em Português dificilmente será aceitável *na última linha de uma página* dizer que o assunto será discutido "mais abaixo", porque a respetiva conceção sobre a escrita é marcadamente temporal. No Português, por norma, diz-se "veremos *mais à frente*" querendo dizer "veremos *depois*" e "já vimos *atrás*" significando "já vimos *antes*", nas páginas anteriores.

Em suma: o que neste processo de referência se verifica não é uma equivalência entre dois eixos espaciais (*atrás/à frente* espacial "sinónimo" de *em cima/em baixo* espacial), mas uma equivalência entre três vertentes: entre uma espacial e uma temporal (*atrás/à frente*

<sup>8</sup> Neste sentido aparece como última palavra da última linha da p. 55 ("discussed below") de Jerzy Bartminski, 2009, *Aspects of cognitive Ethnolinguistics*, Equinox Publishing, London/ Oakville.

espacial equivalente a *antes/depois* temporal) e posteriormente entre este eixo temporal (*antes/depois*) e um outro espacial (*em cima/em baixo*) (Figura 13).

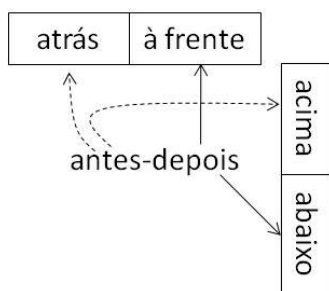


Figura 13

## 8. Algumas inferências a tirar das relações espaço-tempo vistas

O funcionamento das configurações espaço-temporais analisadas e as respetivas utilizações no Português Europeu permitem inferir, a nosso ver, aspetos muito significativos sobre o funcionamento semântico não apenas do Português, mas, globalmente, das línguas naturais.

Em primeiro lugar, parece ser evidente que a construção do significado envolve modelos mentais de perspetivação sobre a realidade. O modelo mental dinâmico que suporta a conceção da escrita em Português (o texto é um processo temporal entre um antes e um depois) é diferente do modelo mental de muitas outras línguas (o texto é um objeto espacial). Os defensores mais ou menos moderados da hipótese de Sapir-Whorf não descurarão este aspeto.

Em segundo lugar, os funcionamentos apresentados corroboram aquilo que se diz quando se refere que traduzir não é substituir palavras, mas dar equivalências entre modelos cognitivos que retratam um estado de coisas ou uma realidade percecionada: *em frente*, referindo-se ao processo de escrita do Português, pode ser traduzido (por exemplo para Inglês) de muitas maneiras, mas não pela que parecia mais óbvia, *in front of*.

Em terceiro lugar, os exemplos analisados provam que os fenómenos da sinonímia linguística, quase sempre vistos no plano da *semelhança* de valores entre termos, são variados e complexos. Embora os dicionários tradicionais sejam entendidos como dicionários de *sinónimos*, o funcionamento das relações entre a dimensão temporal e a espacial leva os dicionários ao aparente (?) paradoxo de *atrás* ser sinonimizado precisamente pelo seu antónimo, *à frente*. E assim, neste sentido, será fundamental compreender o processo de

sinonímia como um processo cognitivamente muito mais complexo do que a simplicidade da "semelhança" lexical. Os processos de sinonímia envolvem sempre modelos mentais complexos, englobalizadores de múltiplos processos de atribuição de equivalências de significado, equivalências essas que não se baseiam apenas em fenómenos de maior ou menor igualdade, mas, por vezes, muito mais complexos, como os de implicação que as relações espaço-tempo ilustram.

Mais globalmente, a compreensão destas implicações entre espaço e tempo nas línguas (neste caso no Português Europeu) mostram a utilidade de uma perspetiva de cariz cognitivo, de a análise linguística entender as línguas naturais como processos que assentam na dimensão cognitiva humana, na interdependência entre o significado, as concetualizações e as inferências pragmáticas.

### **Referências**

Batoréo, Hanna Jakubowicz, 1994, "*Andar e nadar: um problema linguístico ou cognitivo?*", in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.

Evans, Vyvyan, 2005, *The Structure of Time*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.

Gallese, Vittorio & Lakoff, George, 2005 "The Brain's Concepts: The role of the sensory-motor system in conceptual knowledge", *Cognitive Neuropsychology*, 2005, 22 (3/4), 455–479.

Lakoff, George e Johnson, Mark, 1980, *Metaphors We Live By*, The University of Chicago Press, Chicago.

Teixeira, José, 2001, *A verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga.

Teixeira, José, 2006, "Os processos diferenciados entre o português e outras línguas na conceptualização da linearidade gráfica", *VII Congrès de Linguística General – Actes*, Universidade de Barcelona, Barcelona (CD-Rom: ISBN 84-475-2086-8; Depósito Legal B. 11655-2006)

### **Dicionários referidos**

Academia das Ciências De Lisboa, 1976, *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.1 (A-Azuverte), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

Costa, J. Almeida e Melo, A. Sampaio, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª e 8ª ed., Porto Editora.

- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, 1987, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª Edição, Editora Nova.
- Garcia, Hamílcar de, 1986, *Dicionário Caldas Aulete* (5 vols.), 5ª ed.
- Machado, José Pedro, 1981, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Amigos do Livro.
- Moreno, Augusto, 1961, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Editora Educação Nacional, Porto.
- Morais Silva, António de, 1949-1959, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (12 vols.), 10ª ed., Confluência, Lisboa.
- (s/ nome do responsável) 1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lello-Editora Sistema J.
- Roquete, Jose Inácio; Fonseca, José da, 1871 (1863), *Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da lingua portugueza*, Typographia de Pillet Fils Ainé, Paris
- Vieira, Frei Domingos, 1871, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, 5 vols., Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes (Editores), Porto.
- Vilela, Mário, 1991, *Dicionário do Português Básico*, 2ª ed., Asa, Porto.